

GEOGRAFIA E PLANEJAMENTO: UMA ESTRATÉGIA ESPAÇO TEMPO¹

Maria Adélia Aparecida de Souza²

INTRODUÇÃO

A magia deste ritual, o ritual da AULA, deixa escancarada uma troca invisível entre o professor e os eruditos, eminentes mestres que irão atestar sobre a recepção pela ACADEMIA de conhecimentos que precisam ser exibidos de forma erudita, com ineditismos que, se aceito por todos, tornam-se magistrais.

Este é o sentido da Aula que preciso dar hoje. Este é o sentido deste ritual para a obtenção da mais distinguida láurea acadêmica - a de PROFESSOR TITULAR.

Esta AULA, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia tem para mim um sentido muito especial, pois me faz lembrar a todos os colegas e mestres que participaram deste mesmo ritual no passado e que, em defesa da dignidade desta Faculdade e desta Universidade, saíram em diáspora pelo mundo afora, deixando no entanto, em cada um de muitos de nós, especialmente aqueles da minha geração, uma enorme angústia é bem verdade, mas também nos deixaram para sempre a semente da esperança do reencontro para a construção do Brasil justo e soberano.

Este ritual resgata, na Academia uma rara oportunidade para o exercício do pensar, para a produção do discurso do saber; capaz de criar uma comunidade independente, autônoma, de sábios capazes de dominar o saber humano, adquirir maturidade diante da comunidade científica internacional e aproximar-se do povo humilhado e oprimido para buscar seu caminho de libertação e prosperidade.

Mas é preciso cuidar para que a Academia pouco a pouco não se deixe envolver pelas amarras da burocracia a serviço de poderes nem sempre lastreados na legitimidade outorgada pelo saber, pelo compromisso social, mas em processos políticos cuidadosa e longamente engendrados, a serviço de cada um e não da coletividade e da própria da Universidade. Ao invés do discurso do saber, produz-se o discurso da arrogância, como pretendia Roland Barthes (1978).

¹ Texto da sua Aula Magna ministrada na Universidade de São Paulo (USP) por ocasião do seu concurso de Professora Titular do Departamento de Geografia no ano de 1996.

² Professora titular de Geografia Humana da Universidade de São Paulo. E-mail: madelia.territorial@gmail.com

A AULA precisa ser vista como exteriorização da alma, não como uma contabilidade, como módulos a serem percorridos no cumprimento do curriculum mínimo.

A AULA é instante do conhecimento, exercício sistemático para escapar ao princípio do erro que perpetua a visão soberana e arrogante.

A AULA como síntese, como dever, como prazer - instantes, todavia cada vez mais duramente conquistados neste campo de batalha cruel que se torna dia a dia a vida universitária, onde “bisonhos aprendizes se pretendem sábios maduros, cegando os jovens na inciência e incapacitando-os a aprender” (RIBEIRO, 1995, p. 18).

Mas, tenho esperança na Universidade do convívio amigável, do espírito fraterno, ingredientes essenciais e indispensáveis a PAZ que tanto almejamos e pregamos e à produção do saber profundo cuja aplicação frutífera é fundamental para o nosso país.

Mas HOJE é dia de louvação. Louvação a todos aqueles que como eu exercitam cotidianamente o ritual da AULA, especialmente desta onde tenho como testemunhos, partícipes, meus mestres, meus colegas, meus alunos, meus amigos e minha família que me honram com suas presenças, atenção, respeito e carinho.

A AULA é um discurso: o discurso do saber.

Mas que saber pode produzir um discurso da GEOGRAFIA?

A GEOGRAFIA pode e deve produzir o discurso do saber para o conhecimento do mundo.

Mas o que é o mundo? O que é a Geografia?

Questões fáceis de formular, mais por demais complexas para serem respondidas. De que mundo trata a GEOGRAFIA?

Para respondê-las é fundamental filosofar.

E, por que? Para que exista o mundo como verdade, é preciso que exista outra (verdade), o seu anverso: o pensamento. “El mundo soy yo y mi vida y mis circunstancias”, no dizer de Ortega y Gasset.

E a Geografia? Ela se preocupa com a compreensão da relação HOMEM/NATUREZA, em seu sentido mais puro e amplo.

Na Dialética do Esclarecimento (ADORNO E HORKHEIMER, 1969), elaboram, uma interessantíssima discussão sobre a relação Homem/Natureza, natureza como essência e como meio, num importante diálogo com o saber e uma profunda discussão sobre o mito.

A relação Homem/Natureza vai aos poucos deixando de ser mítica (diz respeito ao mundo da sensibilidade) e passa a ser alegórica (a morte do mito). Não se trata aqui também de

sensibilidade versus inteligibilidade, mas da sua interpenetração. Afinal, não foi Platão quem disse a última palavra...

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo ...A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. (idem. p:20). São reflexões sobre o pensamento de BACON. E insistem, ADORNO E HORKHEIMER: *o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos.*

O homem é a natureza tomando consciência dela mesma, nos alerta Elisée Reclus (1982) como num poema.

Ensinar sobre o mundo é também refletir sobre toda essa problemática: problemática da vida, do mundo, do pensamento, da Geografia.

Para o geógrafo/filósofo Milton Santos (1994), o mundo é um conjunto de possibilidades, *é também a soma, que é também síntese, de eventos e lugares.* (idem; p:41). Mas, *esse mundo de hoje é marcado pelo novo meio técnico científico no qual dois elementos explicativos maiores são a cultura e a técnica.* (ibidem; p.12).

É, nesta perspectiva que a História, se torna indispensável, pois somente ela pode explicar os fundamentos filosóficos da técnica. Homem e técnica são conceitos tão próximos, nos diz Milton Vargas (1994:171), que não é possível separá-los. *Homem sem técnica seria uma abstração tão grande como técnica sem homem.*

Mas, não há homem sem linguagem. *A trilogia HOMEM - LINGUAGEM - TÉCNICA,* é a essência do fenômeno humano. (idem; p: 171). A cultura é o sistema simbólico que emerge dessa construção homem/linguagem/técnica.

E esta é a dimensão do mundo, em cujo processo explicativo se insere a Geografia.

Como se vê, trata-se de uma disciplina ambiciosa, que lida com uma complexidade permanente - *o espaço geográfico* -, advindo da construção desse processo acima referido - homem/linguagem/técnica. A PAISAGEM não seria um produto dessa construção?

Estes são alguns dos elementos introdutórios a esta AULA.

Mas, hoje, quero convidá-los a uma reflexão sobre A GEOGRAFIA E O PLANEJAMENTO na elaboração de uma estratégia espaço/tempo.

Por que este tema?

1º Porque são dimensões importantes para a compreensão desta contemporaneidade, adjetivada pela modernidade. É bom lembrar, que *A modernidade já não pode emprestar seus padrões de orientação, de modelos de outras épocas. Ela encontra-se completamente abandonada a si mesma, tem de extrair de si mesma sua normatividade. Daqui em diante, a atualidade autêntica é o LUGAR onde se entrelaçam a continuação da tradição e a inovação.* (HABERMAS, 1987:103). O LUGAR como intersecção de tempos. Trata-se, portanto, de inserir uma reflexão sobre o tempo *nossa dimensão existencial fundamental.* (PRIGOGINE, 1994).

2º Para a compreensão do Brasil hoje, país inusitado, pois poucas vezes entendido como o país do *povo novo*, no entender de Darcy RIBEIRO (1995).

3º Trata-se, ainda, de um exercício importante para o avanço metodológico da Geografia e fundamentação de uma teoria do planejamento territorial brasileiro, este entendido como prática social.

De início, é importante dizer que a incorporação do espaço geográfico como instância social não tem sido assumida no campo do planejamento. Este, ainda é visto de forma setorial ou contábil. E, o que dificulta essa compreensão da introdução da variável espacial nos processos de planejamento é a equivocada compreensão que especialmente os planejadores e os políticos tem da Geografia, do espaço geográfico.

Entretanto, esta compreensão é fundamental para entender esta contemporaneidade por alguns indicada como sendo caracterizada pelo processo de globalização. O global pressupõe uma compreensão acurada da relação espaço/tempo, da Geografia e da História. Uma compreensão do mundo.

Para a captar toda essa complexidade é preciso fazer teoria.

Como geógrafa e planejadora, quero convidá-los a um exercício teórico, uma reflexão sobre o espaço geográfico e sobre o tempo (futuro). Aliás, lidar com o futuro é tarefa essencial do planejador.

Para tanto, pretendo nesta aula, a partir das reflexões de fundo já expostas, abordar essa relação Geografia e Planejamento, trabalhando-a através da elaboração seguinte:

- 1. A Geografia e o espaço geográfico: fundamentos de uma estratégia da sociedade.**
- 2. O planejamento e o exercício sobre o tempo futuro: a totalidade no LUGAR/MUNDO.**
- 3. LUGAR/MUNDO, ingredientes da estratégia da solidariedade: fundamentos do planejamento territorial.**

1. A GEOGRAFIA E O ESPAÇO GEOGRÁFICO: FUNDAMENTOS DE UMA ESTRATÉGIA DA SOCIEDADE.

Pretendo nesta parte da aula, abordar, ainda que rapidamente, seis aspectos que fundamentam as reflexões que farei posteriormente sobre o planejamento territorial:

- 1.1 A Geografia como texto do mundo.
- 1.2. O espaço geográfico como mediador entre mundo e lugar
- 1.3. Revendo alguns conceitos de espaço
- 1.4. O espaço como instância social
- 1.5. Espaço e globalização

Quero, inicialmente insistir numa proposta de Milton Santos, conclamando-os a acatar a geografia não como disciplina, mas como objeto científico, que por sua vez tem como seu objeto o conhecimento do espaço geográfico (SANTOS, 1978). Falo, sim numa geografia nova, numa geografia generosa, humanista, crítica, que nos permita conhecer o mundo para poder transformá-lo.

Falo, numa Geografia Nova, transformadora, revolucionária. Mas, não pretendo aqui enveredar-me nos aspectos ditos ideológicos da Geografia. Isto fugiria aos propósitos desta AULA.

Mas, quero objetivar a compreensão da Geografia, pela compreensão do espaço geográfico.

1.1 A Geografia como Texto do Mundo.

Exatamente neste ponto do meu raciocínio, parece-me interessante introduzir a importância do papel da Geografia e a necessidade do seu rigor.

O espaço geográfico, nesta perspectiva se apresenta como instância. Lugar e mundo nesta contemporaneidade, mais do que nunca se apresentam como totalidade e simultaneidade e não apenas como justaposição.

Mas atenção, exatamente face a estas características é fundamental conhecer a distinção entre *cultura de massa* e a *indústria cultural*, disseminadoras de uma ideologia da *aldeia global*, que *se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada*.

É exatamente nesta perspectiva também que os intelectuais precisam estar atentos, pois na complexidade desse processo contemporâneo está embutida uma homogeneidade

equivocada também sobre o pensamento que neutraliza a possibilidade da crítica e do livre pensar, como se o mundo fora dado por estes meios.

Aqui também é importante estar atento à problemas que Milton Santos vem chamando a atenção e que também é uma preocupação desta AULA: a questão do discurso politicamente correto, mas sem nenhum texto.

A Geografia tem de ser o texto competente sobre o mundo. Estabeleço aqui uma distinção entre texto e discurso e sua relação com o poder, inspirada, mais uma vez em BARTHES (1978). A linguagem é o objeto no qual se inscreve o poder, em toda a eternidade do homem. O Professor Milton Vargas já nos alertou sobre isto ao desenvolver a trilogia *HOMEM/LINGUAGEM/TECNICA*

A linguagem é uma legislação e a língua um código. (idem:12).

Mas, é através da escrita que o saber reflete sem cessar sobre o saber, segundo um discurso que nem sempre é epistemológico, mas dramático. Mas cuidado diz BARTHES, pois esta oposição entre ciências e letras, cujas relações no mundo de hoje são cada vez mais próximas e numerosas, seja como modelo, seja como método, aproximam cada vez mais estas duas abordagens e eliminam suas fronteiras. É bem possível que esta oposição apareça um dia, como um mito histórico.

Segundo um certo discurso da ciência, o saber é um enunciado. O que ele propõe através de seu paradigma é que, pelo contrário, a escrita se encontra em todo lugar onde as palavras tem sabor. *C'est le goût des mots qui fait le savoir profond, fecond.* (ibidem:21).

É exatamente nesta perspectiva que se estabelece uma distinção entre o texto e o discurso, elementos fundamentais para uma reflexão sobre a GEOGRAFIA - TEXTO SOBRE O MUNDO. Tarefa nobre a ser por ela realizada.

E, temos feito um enorme esforço neste sentido, discutindo a essência do nosso fazer através de uma revisitação dos nossos paradigmas, conceitos e categorias analíticas

Mas é fundamental que isto se ajuste à produção do nosso texto sobre o mundo elaborado à partir do espaço geográfico na sua dimensão material, concreta. Assim, o mundo para os geógrafos se torna real, concreto, histórico.

1.2 Espaço geográfico - mediador entre mundo e lugar

Daí surge a absoluta importância da compreensão do que seja espaço geográfico, mediador entre mundo e lugar. Mundo que a partir daí se configura também como *um sistema de objetos e de ações historicamente produzidos* materialmente cravados na História.

O espaço geográfico cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre esse passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam. (SANTOS, 1994:122).

Para que a Geografia contribua na compreensão do mundo, é absolutamente urgente este entendimento.

Mas insisto, é preciso estar atento às armadilhas do mundo novo. Precisamos compreender o novo e não confundi-lo com a novidade, alerta-nos mais uma vez Milton Santos.

Insistindo, sobre o conceito de espaço geográfico.

Uma das dimensões do novo para a Geografia diz respeito a discussão que fazem os geógrafos a partir da compreensão do espaço e que ajudam a compreender a problemática da globalização. Diga-se de passagem, que fomos pioneiros, nas ciências sociais a discutir esta questão aqui no Brasil.

Para esta discussão seria necessário permear alguns conceitos que nos ajudam a formular, do nosso ponto de vista essa problemática, quais sejam, natureza, espaço, paisagem, lugar, território, categorias geográficas que vem sendo elaboradas e aprofundadas para a compreensão, na ótica da Geografia, (melhor dizendo, de alguns geógrafos) desta contemporaneidade.

Para tanto, precisaríamos fazer uma caminhada, ainda que curta, sobre os seguintes aspectos: espaço e globalização, espaço e natureza, espaço e História. Não haverá, nesta AULA tempo para tanto.

Aqui, examinaremos apenas aqueles aspectos referente ao espaço e a globalização, dimensão do novo no mundo hoje. Eventualmente, numa outra oportunidade poderemos retomar alguns elementos desta AULA, ampliando e aprofundando essa discussão que acreditamos do maior interesse acadêmico e científico.

1.3 Revendo alguns conceitos de espaço.

Quase sempre o espaço é dado como algo indiscutível e sua conceituação e significado como não sendo problemático.

No entanto, é preciso estar atento pois se trata de um conceito com multiplicidade de significados, muitas vezes contraditórios.

As noções básicas de espaço, dizem respeito a:

- Espaço como campo;
- Espaço como um receptáculo

- Espaço como um vácuo

L'espace! Voici peu d'années, ce terme n'évoquait rien d'autre qu'un concept géométrique, celui d'un milieu vide ... L'espace social? Ces mots auraient surpris. (LEFEBVRE, 1974:7).

Em *La Production de l'Espace* LEFEBVRE nos oferece uma preciosa reflexão sobre o espaço social, o espaço absoluto e o espaço abstrato. Obra magistral que influenciará e auxiliará muitas outras sobre este complexo tema, como é por exemplo o recente trabalho de Edward SOJA (1990).

Esse espaço geográfico é considerado por SMITH (,1989:110), como *espaço da atividade humana, desde o espaço arquitetural, numa escala mais baixa, até a escala de toda a superfície da Terra.*

Espaço absoluto e espaço relativo. O espaço social.

Duas concepções de espaço tem sido, particularmente, objeto de destaque: o espaço absoluto e o espaço relativo. Foi com a denominada Revolução quantitativa da Geografia nos anos 60, que essa discussão foi estimulada.

Anteriormente, os geógrafos tendiam a aceitar quase que exclusivamente a noção de espaço absoluto. Para a compreensão desses conceitos, seria, no entanto, necessário remontar às suas origens junto as ciências físicas e a filosofia da ciência. Tarefa árdua e longa que foge aos objetivos desta AULA.

Todos nós concebemos o espaço como *receptáculo universal no qual os objetos existem e os eventos ocorrem, como um quadro de referência, um sistema coordenado (juntamente com o tempo) em que toda realidade existe.* (SMITH,1989:11). Esta tem sido a perspectiva insistentemente utilizada pelos planejadores.

Nesta perspectiva o espaço é simplesmente um dado universal da essência. Apesar dessa noção de espaço ser continuamente empregada como metáfora, ela é utilizada quase sempre acriticamente, no seu uso cotidiano, concepção que implica numa visão mecanicista do planejamento territorial.

O espaço absoluto, uma entidade completamente independente, existindo separada da matéria, deriva da concepção newtoniana de espaço. Visão determinista, pois, pressupõe que *uma vez dadas as condições iniciais, não poderemos prever todo evento passado e futuro; ela nos falava, portanto, de certeza. Nessa perspectiva, futuro e passado desempenham o mesmo papel.* É Ilya PRIGOGINE (1994) quem vai tratar dessa questão em seu interessante livro *As leis do Caos.*

Mas, mesmo com Newton e antes dele, o conceito de espaço relativo já é considerado: *com a concepção relativa, o espaço não é independente da matéria. As relações espaciais são na realidade relações entre partes específicas da matéria e, assim, são puramente relativas ao movimento, ao comportamento e a composição da matéria e dos eventos materiais.* (SMITH, 1989:111)

Mas é com Newton, que as distinções entre espaço absoluto e espaço relativo se tornam explícitas. Este problema não é tão simples. Há três questões fundamentais que dizem respeito a algum aspecto da relação espaço natureza, que merecem pelo menos ser citadas aqui:

I. A história do conceito é marcada por uma contínua abstração do espaço com relação à matéria. A distinção que fazemos atualmente, não se aplicava às sociedades primitivas. O espaço não era diferenciado da matéria, nem da força ou do poder do homem ou de qualquer outra coisa. A unidade da natureza era completa. Esta questão é muito bem elaborada por Robert SPACK, em *Conceptions of space in Social Thought*.

Neste estágio é o espaço e não o lugar que as pessoas vivenciam. O espaço e seu uso (mítico e material), são indistinguíveis enquanto espaço social e físico. A consciência do espaço é decorrência direta da atividade prática. (SMITH, 1987:113).

Há autores como JAMMER (1969), para quem o conceito de espaço como um objeto identificável de consciência tenha precedido ao conceito de tempo.

Não me enveredarei por este caminho complexo das origens da filosofia. Não tenho competência para tanto. Há que se remontar a Platão, Aristóteles e a Geometria (liga entre espaço e matéria). Há também que passar por Einstein e pela teoria da relatividade. Enfim, nesta concepção de espaço, a abstração contínua é o seu fio condutor.

II. Desenvolvimento dialético. Há um movimento qualitativo, bem como um movimento quantitativo. São os processos conceituais de lida com o conceito de espaço absoluto e espaço relativo que progridem, à partir de uma dialética estritamente hegeliana entre espaço e matéria que será consubstanciada nas diferenças entre as visões dos espaços pré-newtonianos (simultaneamente físico e social) e pós einsteiniano (matemático) (REINCHEMBACH, 1958), hoje insistentemente abordados pela ciência moderna.

III. Base material do desenvolvimento, o espaço é acima de tudo um produto social. *Como a relação com a natureza se desenvolve historicamente, a dimensão espacial da atividade humana é alterada e, com ela, nossa concepção de espaço.* (SMITH, 1987:119). A

base material para a bifurcação do espaço físico e do espaço social está no desenvolvimento da segunda natureza a partir da primeira natureza (idem:119)³

1.4 O espaço como instância da sociedade.

É SANTOS (1978) quem apresenta esta proposição, considerando o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isto significa que, como instância contem e é contido pelas demais instâncias, ao mesmo tempo em que cada uma delas o contem e é por ele contida. Isto quer dizer que a essência do espaço é social. *Neste caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual* (SANTOS, 1985:1).

A paisagem se constitui no conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou sua configuração espacial *é a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível* (idem:2). *Considerada como um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente...* (SANTOS, 1982:38). A paisagem é uma dimensão, uma escala do espaço geográfico.

Ela é, portanto, formada por fatos do passado e do presente. Ela revela processos sociais e, conseqüentemente processos de produção e apropriação do espaço e sua evolução. A sua compreensão, só se torna possível, mediante a compreensão do processo dialético entre forma (aspecto visível da coisa), estrutura (inter-relação entre todas as partes de um todo), função (atividade ou tarefa esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa) e processo (ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo - continuidade - e mudança).

Isto implica admitir que o espaço geográfico é uma complexidade e uma totalidade (visão holística do espaço). No entanto, para se compreender o espaço social em qualquer tempo *é fundamental tomar em conjunto a forma, função e a estrutura, como se se tratasse de um conceito único*, exatamente para não perdermos a história da totalidade espacial.

³A distinção filosófica entre espaço natural e espaço social pode ser atribuída a KANT. A Economia Política Clássica do século XVII e início do XIX, representa o primeiro reconhecimento prático do espaço social, quando em 1890 era cuidadoso insistir que o espaço social era completamente diferente e separado do espaço "real" (o que queria dizer físico).

Assim o espaço se constitui numa realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. *O espaço impõe sua própria realidade, por isso a sociedade não pode operar fora dele.* (SANTOS, 1985:49)

Mas atenção: não é verdade que a sociedade e o espaço se interagem: é uma lógica histórica específica (a da acumulação do capital) que guia a dialética do espaço e da sociedade. (SMITH, 1989:122).

O espaço não é um acidente da matéria, mas um resultado direto da produção material. As mais recentes metodologias para os estudos de Geografia Urbana, por exemplo, demonstram perfeitamente essa proposição (SOUZA, 1994). Daí para a compreensão do espaço como mercadoria é um salto: basta aplicarmos a ele os conceitos de valor de uso e de valor de troca.

Na medida em que nos detivermos ao processo concreto de trabalho, nossa concepção de espaço será essencialmente absoluta. A particularidade do trabalho implica na particularidade de seus atributos espaciais. Com o trabalho abstrato como valor implica em um sistema espacialmente integrado de troca de mercadorias, em relações monetárias, em facilidades de crédito, até mesmo na mobilidade do trabalho. Isto requer a construção de elos específicos de transporte e de comunicação entre lugares individuais de produção concreta, e exige que sejamos capazes de conceber o espaço em termos relativos, assim como em termos absolutos. (SMITH, 1898:129).

Mas, o que é mais importante não é essa lógica explicitada por Neil SMITH. O mais importante é que na própria produção das condições do trabalho, reside a produção do espaço. Produzir é produzir espaço.

E, é nesta perspectiva, considerada as características deste período histórico denominado de *técnico, científico e informacional* por SANTOS (1985), que se torna necessário entender o conceito de espaço aliado ao de globalização.

1.5 Espaço e globalização.

A premissa dessa compreensão é o entendimento das categorias espaço/tempo através da história, que hoje é caracterizada pela *aceleração contemporânea*, particularmente denominada de globalização, quando se trata de explicar o mundo.

Para DOLLFUS (1994:25)), o mundo é um sistema dinâmico, *formado de um número elevado de sistemas que dispõem cada qual de numerosas “liberdades” ...*

Vimos que o mundo é um conjunto de possibilidades. Essas possibilidades se realizam nos lugares. O lugar é a dimensão fragmentada do mundo - união dos homens pela cooperação na diferença. Portanto, a totalidade e a complexidade se dão no mundo e nos lugares.

O espaço geográfico se constitui numa das funcionalizações pelas quais se exprime a globalização.

O processo de globalização acarreta a mundialização do espaço geográfico, cujas principais características segundo SANTOS (1994:50) são, além da tendência à formação do meio técnico científico:

A. a transformação dos territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional. A esta noção está ligado o conceito de *formação socio espacial*, ou seja, o entendimento de que as formações socio espaciais são sub sistemas que interagem entre si, dando substancia ao que poderá chamar de sistema global de relações. Isto permite compreender que não existe uma sociedade em geral abstrata, mas sociedades marcadas pela história e por uma geografia concreta;

B. a exacerbação das especializações produtivas no nível do espaço;

C. a concentração da produção em unidades menores, com o aumento da relação entre produto e superfície;

D. aceleração de todas as formas de circulação e seu papel crescente na regulação das atividades localizadas, com o fortalecimento da divisão territorial e da divisão social do trabalho e a dependência deste em relação às formas espaciais e as normas sociais (jurídicas e outras) em todos os escalões.

E. a produtividade espacial como dado na escolha das localizações;

F. o recorte horizontal e vertical dos territórios e a possibilidade da transferência geográfica do valor;

G. o papel da organização e dos processos de regulação na constituição das regiões;

H. a tensão crescente entre a globalidade e localidade, à proporção que avança o processo de globalização. (SANTOS, 1994:50).

No entanto, o cerne da compreensão do processo de globalização está no conceito de *espaço ou meio técnico científico e informacional*.

O meio geográfico em via de constituição (ou de reconstituição) tem uma substância científico-tecnológico-informacional. Não é nem meio natural, nem meio técnico. A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesmo de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço, da mesma forma que participam da criação de novos processos

vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais). É a cientificização e a tecnicização da paisagem. É também a informatização, ou antes, a informacionalização do espaço. A informação, tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes de globalização. (SANTOS, 1994:51).

Dentro dessa perspectiva, a Geografia do Capitalismo gera espaços desiguais. Trata-se de uma desigualdade de um tipo novo, pois são novos seus efeitos sobre os processos produtivos e sociais.

Esta é a perspectiva que me parece sumamente interessante para discutirmos a questão do desenvolvimento desigual e a tão comentada teoria da dependência, que vem merecendo tanto destaque no Brasil hoje, face a sua antiga ligação com o atual Presidente do Brasil.

Uma interessante abordagem a respeito dessa Geografia é dada por exemplo pelos estudos da Professora Rosa Ester Rossini, (1994:283-291) a respeito dos *dekasseguis nikkeis* - brasileiros descendentes de imigrantes japoneses, que voltam ao Japão para exercerem trabalhos não especializados e temporário. *São considerados estrangeiros no Brasil por serem de ascendência nipônica e são também tidos como estrangeiros no Japão por não terem nascido lá. No fundo são autênticos desenraizados.* (idem:287). Somente neste período da história, a questão do trabalho poderia ser tratada desta maneira.

Nesta Geografia do Capitalismo, os espaços gerados, são distintos, do ponto de vista da sua composição quantitativa e qualitativa: áreas com densidade (*zonas luminosas*) áreas praticamente vazias (*áreas opacas*) e uma infinidade de situações intermediárias correspondentes as infinitas possibilidades de funcionamento de suas respectivas sociedades.

É interessante observar que, estando em toda parte, o meio técnico, científico e informacional, ao criar subespaços, permite, pelo exposto, falar em *produtividade espacial*, noção que se aplica a um lugar e que vem revolucionar a teoria da localização. Essa noção se refere mais ao espaço produtivo do que ao produzido. São condições artificialmente produzidas que se sobressaem, consequências dos processos técnicos e marcos espaciais da informação. Nesta perspectiva estaríamos diante de um neo-determinismo do espaço artificial que se torna mais evidente, quanto mais a produção é moderna.

Então, como resultado da globalização, o próprio espaço se converte num dado da regulação, seja pela *horizontalidade - conjunto de lugares contíguos, substrato do processo*

*de produção propriamente dito, da divisão territorial do trabalho*⁴, seja pela *verticalidade* (os processos da circulação).⁵ A verticalidade perturba a horizontalidade e se constitui em uma necessidade permanente de mudança em cada lugar. Nele, regulação e tensão se tornam indissociáveis. *Quanto mais a globalização se aprofunda, impondo regulações verticais novas às regulações horizontais preexistentes, tanto mais forte é a tensão entre globalidade e localidade, entre o mundo e o lugar.* (SANTOS, 1994:56).

Haveriam espaços mais ou menos dóceis às outras formas de regulação. Estes SANTOS (1994), chama de *espaços da racionalidade* cuja constituição é mais marcada pela ciência, pela tecnologia e pela informação, espaços mais abertos à realização dos diversos agentes. Caso contrário como compreender os edifícios inteligentes, ou La Defense, em Paris?

O espaço é o teatro de fluxos e objetos, ou de sistema de objetos e sistemas de ações. Este é um aspecto importante na relação da Geografia com o Planejamento, que retomarei mais adiante.

O espaço global é formado de todos os objetos (dotados de tecnicidade), ações (marcadas por intencionalidades e racionalidades) e fluxos. Estes objetos e ações seriam mais moldados pela informação do que os outros subsistemas.

Aqui, entra a questão da escala, tão preciosa na Geografia, característica das diferentes redes (desiguais) que formam o espaço global. O todo, constituiria o ESPACO BANAL, espaço de todos os homens, de todas as firmas, de todas as organizações, de todas as ações, isto é, o ESPAÇO GEOGRÁFICO, produzido e apropriado pelo homem através das relações sociais.

Mas, só os agentes hegemônicos se servem de todas as redes e utilizam todos os territórios. Por isso os territórios nacionais se transformam em espaços nacionais da economia internacional, como já vimos anteriormente e os sistemas de engenharia são mais utilizados pelas firmas transnacionais do que pela própria sociedade nacional.

Estas reflexões todas nos permitem conjecturar que a regulação mundial é uma ordem imposta, mas não superior, embora a serviço da racionalidade dominante. Esta racionalidade previsível, normatizada é regulada por uma atividade denominada PLANEJAMENTO, sem dúvida algum atributo de todas essas racionalidades.

⁴As horizontalidades são o alicerce de todos os cotidianos, isto é, do cotidiano de todos (indivíduos, coletividades, firmas, instituições). São cimentadas pela similitude de ações (atividades agrícolas, modernas, certas atividades urbanas) ou por sua associação e complementaridade (vida urbana, relação cidade-campo) SANTOS, 1994:54).

⁵As verticalidades agrupam áreas ou pontos ao serviço de atores hegemônicos não raro distantes. São os vetores da integração hierárquica regulada, doravante necessária em todos os lugares da produção globalizada e controlada à distância. (SANTOS, 1994:54). A verticalidade se associa aos processos da cooperação, cuja escala geográfica não raro ultrapassa a do processo direto da produção (idem:55).

O que precisamos, é detectar e pôr em prática novas racionalidades, em outros níveis e regulações (daí a importância do conhecimento do espaço geográfico e do planejamento), mais consentâneas com a ordem desejada pelos homens lá onde eles vivem, NOS SEUS LUGARES.

2. O PLANEJAMENTO E O EXERCÍCIO SOBRE O TEMPO FUTURO: UTOPIA E DELIBERAÇÃO.

Reflitamos agora, nesta segunda parte da AULA sobre o PLANEJAMENTO, tentando formular alguns fundamentos para uma sua teoria.

Para tanto, procurarei aqui abordar as seguintes partes:

2.1 O esboço da crítica.

2.2 Procurando fundamentos para a teoria do Planejamento.

2.3 Lugar/Mundo - ingredientes da estratégia da solidariedade.

De início é importante frisar que se trata do PLANEJAMENTO TERRITORIAL, o planejamento do espaço geográfico. Daí a absoluta importância da compreensão da primeira parte da aula.

2.1 O esboço da crítica

Princípio curioso, mas inspirado em SARTRE (1985). A crítica vista como uma experiência dialética, inserida numa totalização - a HISTÓRIA. Experiência que visa recompor a inteligibilidade do movimento histórico, no interior do qual os diferentes conjuntos se definem por seus conflitos.

Trata-se, desde logo de assumir o planejamento como a lida com o tempo futuro, numa perspectiva de transformação social. Trata-se, portanto de entendê-lo também como um instrumento, uma prática de ação social. Estes princípios são fundamentais para a compreensão do que se segue e entender melhor a natureza do planejamento territorial (nas dimensões nacional, regional e urbana) que se tem praticado no Brasil.

Permitam-me, desde, logo a formulação de uma crítica (ou autocrítica se preferirem), pois tive no passado recente, enormes reponsabilidades na concepção desse planejamento, ao formular a I POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO ⁶, a I POLITICA DE DESENVOLVIMENTO URBANO E REGIONAL. DO ESTADO DE SÃO PAULO⁷. Embora naquela época estivéssemos atualizados com relação às teorias do planejamento

⁶Elaborada em 1973, em co-autoria com o Arquiteto Jorge Guilherme Francisconi.

⁷A I Política de Desenvolvimento Urbano e Regional do Estado de São Paulo, foi por mim coordenada em 1975, quando chefiava a Coordenadoria de Ação Regional do Governo do Estado de São Paulo.

territorial, a Geografia de então (estávamos num período anterior àquele fértil e importante, de formulação da Geografia que fazemos hoje) não permitia ter do espaço geográfico uma visão distinta daquelas que tinham os economistas, engenheiros, urbanistas e até mesmos nós, os geógrafos: o espaço visto como receptáculo das ações sobre ele realizadas. E, no entanto, tínhamos uma visão crítica da sociedade! Tratava-se, no entanto, de uma fundamentação absolutamente mecanicista do espaço e do planejamento.

Estivemos, e muitos ainda estão influenciados pela doutrina racional-funcionalista vigorosamente marcada pela CARTA DE ATENAS, malgrado seus princípios doutrinários de justiça, funcionalidade e racionalidade e de compromisso com a *construção dos tempos modernos* (LE CORBUSIER, 1957), parafraseando Jean Giraudoux.

Posteriormente, os planejadores juntam à essa racionalidade do espaço mecanicista, a racionalidade da economia urbana e regional, regidas pela tecnocracia e pelo pragmatismo hoje denominado neoliberalismo, campo fértil para a modelagem que até hoje é proposta por cabeças neoclássicas que não conseguem entender o mundo. *Mundo como um lugar para todos os homens, não para uns poucos...Não podemos evitar de pensar na grande estratégia que nos abra, a todos, um espaço neste mundo* (MATUS, 1989:15). Estamos, portanto falando do tempo futuro, de utopias. Falar de utopia é pensar a revolução.

2.2 Procurando fundamentos para uma teoria do planejamento.

Mas o que é o planejamento, no seu sentido mais geral?

Para efeito das reflexões desta AULA, assumiremos, de início as propostas de MATUS (1989:24-33).

Para Carlos Matus, ex-Ministro da Economia do Chile, crítico contumaz da tecnocracia, *o planejamento se refere ao cálculo que precede e preside a ação*. (1989:24). É bom lembrar que o espaço geográfico é constituído por um sistema de objetos e um sistema de ações. Objetos técnicos que realizam as ações sociais. Na realidade o planejamento territorial busca a racionalidade desses sistemas, no futuro.

Neste sentido, pode-se dizer que o planejamento é um processo regido por uma trilogia REFLEXÃO/CÁLCULO/AÇÃO.

Mas como assumir essa definição na perspectiva do planejamento do espaço geográfico, vale dizer do espaço social - ou seja, da SOCIEDADE? É preciso introduzir aqui que PLANEJAMENTO e ESPAÇO dizem respeito a totalidade. Como sempre, voltamos ao mundo.

Mais uma vez é MATUS quem dá uma excelente pista, apresentando seis argumentos para a defesa do planejamento estratégico, ou seja, aquele que é capaz de formular (refletir, calcular e agir) de maneira mais adequada sobre o futuro, incorporando o tempo como uma sucessão articulada, múltipla, histórica e não técnica, linear. São os seguintes argumentos em defesa do planejamento estratégico, por conseguinte, territorial:

A. é preciso uma mediação entre o futuro e o presente; as ações que realizo hoje terão consequências sobre o amanhã.

B. é preciso prever quando a predição é impossível.

C. é preciso capacidade de reação planejada ante as surpresas. O amanhã não pode surpreender-me sem planos. O plano como tentativa de controle do futuro (a surpresa).

D. é preciso uma mediação entre o passado e o futuro. A única maneira de fazê-lo é com o aprendizado, com a prática, ou socialmente falando, com a HISTÓRIA.

E. é preciso uma mediação entre o conhecimento e ação. Nesta perspectiva o planejamento deve ser assumido como uma mera análise do presente para o presente.

F. é preciso uma coerência global frente as ações parciais dos agentes sociais. Essa coerência global só pode ser alcançada quando os objetivos sociais são definidos democraticamente pelos homens.

Até bem pouco tempo, a ciência não dominava a noção de tempo. Na perspectiva clássica, futuro e passado desempenhavam o mesmo papel. A previsão no planejamento sendo traduzida por metas e objetivos. As leis do caos não haviam ainda sido descobertas; trata-se aqui de lidar com a história do tempo, como propõe PRIGOGINE (1994:18), ou seja, atualizar a compreensão sobre o tempo através do entendimento de duas descobertas: a **primeira** diz respeito as *estruturas dissipativas*, estruturas do não equilíbrio - sistema que dissipa energia e se mantém em equilíbrio. *O exemplo de estrutura dissipativa que se pode dar como análogo, é a cidade*, nos diz PRIGOGINE. A **segunda** diz respeito às estruturas de equilíbrio, como os cristais, que uma vez formado, pode permanecer isolado. São estruturas mortas, sem dissipação. Estas evidentemente não se aplicam a Geografia e ao Planejamento.

Acredito que um dos equívocos do Planejamento foi aquele de procurar criar estruturas de equilíbrio, quando o espaço geográfico se apresenta sob forma de estruturas dissipativas.

É importante destacar que todos os fenômenos que percebemos em torno de nós, na física macroscópica, na química, na biologia ou nas ciências humanas, o futuro ou o passado tem papéis diferentes (PRIGOGINE, 1994:18).

Trago à baila essa discussão sobre a *flecha do tempo* para contrapor a ideia de tendência, impregnada nos modelos de planejamento.

As novas descobertas científicas nos obrigam a incorporar os conceitos de probabilidade e irreversibilidade - ingredientes da estratégia.

Como se vê, mesmo na mais singela abordagem sobre a natureza e significado do planejamento, ele está embebido de política, de totalidade, de interdisciplinaridade. O planejamento só tem sentido como objeto não apenas pelo **poder ser**, mas pela vontade política de **querer ser**. É exatamente nesta perspectiva que o planejamento assume a sua dimensão social, histórica e epistemológica.

O Planejamento como segmento do processo político, como realização histórica.

Aliás, em seu ontológico trabalho **Evolução Urbana do Brasil (1500/1720)**, publicado em 1968, o Professor Nestor Goulart Reis Filho, destacava a abordagem política do planejamento Territorial: *... as formações urbanas brasileiras devem ser objeto de interesse científico; que não constituem um conjunto de dados aleatórios mas são parte de uma estrutura dinâmica - a rede urbana - que deve ser compreendida, quando se almeja o conhecimento daquelas. Que essa estrutura está sujeita a um processo de origem social - processo de urbanização - que determina o aparecimento daquelas formações, cuja explicação exige o conhecimento do sistema social da Colônia, no qual se desenvolve e da política de colonização no seu sentido mais amplo. Que as relações entre política de colonização e o processo de urbanização expressam-se por uma ordem eventualmente elaborada em teoria, mas necessariamente elaborada na prática que é a política urbanizadora.*⁸

O planejamento deve ser entendido como norma - aquilo que se estabelece para a realização de alguma coisa - mas como norma social. **Norma como pacto.**

É neste momento que julgo fundamental retomar a questão do mundo, abordada na primeira parte da aula.

Na realidade, o planejamento que estamos nos propondo a discutir aqui - o planejamento do território - pressupõe uma refuncionalização do mundo. Essa refuncionalização, é bom lembrar, se dá nos lugares (SANTOS, 1994: 175). Assim, o planejamento como ação, se dá nos lugares. Como reflexão se dá no mundo. Este mundo novo.

⁸ o grifo é nosso.

Daí a dificuldade em imaginar que o planejamento possa ser pensado como um conjunto de medidas setoriais, capazes de interferir nessa complexidade do mundo novo.

É também, nesta perspectiva que se deve refletir sobre a **espacialidade do planejamento**. O planejamento estratégico, que diz respeito a uma totalidade social que neste período técnico, científico e informacional, se caracteriza pela competitividade levada ao extremo, como processo essencial da economia política. E, o espaço é um componente importante dessa competitividade. A ideia de competitividade nos remete, como sugere SANTOS (1994: 176), novamente ao mundo. Mas a competitividade se realiza nos lugares, provocando uma verdadeira guerra entre os lugares.

Na realidade, a mediação que o planejamento procura fazer entre presente/passado/futuro, necessita fazê-la também no espaço geográfico, entre os lugares.

Mas como fazê-lo?

3. LUGAR/MUNDO - INGREDIENTES DA ESTRATÉGIA DA SOLIDARIEDADE: FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO TERRITORIAL.

Vimos até aqui, que o espaço é social, teatro de fluxos e objetos ou de sistemas de objetos e de ações, moldados neste período da história pela informação.

Vimos que o mundo se realiza nos lugares que por sua vez dão concretude ao espaço geográfico. O espaço geográfico é o mediador entre mundo e lugar.

Vimos que o planejamento é a lida com o tempo, numa perspectiva de reflexão, cálculo e ação e que o planejamento do território não pode continuar lidando com estruturas de equilíbrio, embutida vivamente nos princípios do desenvolvimento harmônico e solidário de meu mestre LEBRET⁹.

O planejamento Territorial lida com estruturas dissipativas: o lugar, a região. Região entendida como lugar. Lugar onde se desenvolvem determinadas atividades da sociedade em um dado momento. Região como espaço mutante. *Região como espaço de conveniência, meros lugares funcionais do todo* (SANTOS, 1994:98).

A introdução deste detalhamento sobre a região se faz necessário agora, pois ela se constitui num campo analítico do planejamento, de enorme importância. Trago como argumento contundente desta proposta a obra magistral de Manoel Correia de Andrade (1963),

⁹ Refiro-me ao Padre Jean-Louis LEBRET, fundador do movimento Economia e Humanismo, que me introduziu no aprendizado da sociedade solidária e que aqui no Brasil, fundou a SAGMACS - Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas ao Complexos Sociais, pioneira do planejamento territorial brasileiro.

A TERRA E O HOMEM DO NORDESTE, trabalho fundamental para a compreensão da análise da região nordestina e documento básico para o seu planejamento.

Não posso também deixar de anunciar, ainda do Professor Manuel Correia de Andrade, suas reflexões sobre espaço geográfico, a questão regional e o desenvolvimento, por ele publicado em 1970 - **Espaço, Polarização e Desenvolvimento**. Obra que está no centro das questões que venho discutindo nesta aula e que teve grande influência na necessária postura crítica que se esboçava naquela época.

Vimos também que o espaço geográfico visto como receptáculo se constitui num equívoco que implicou certamente na facilitação do planejamento mecanicista e funcionalista praticado até hoje.

O que procuramos insistir é que a totalidade social, objeto também do processo de planejamento só pode ser apreendida em dois níveis: no mundo e no lugar (também entendido como região).

Este é o desafio epistemológico a ser enfrentado pelos planejadores do território.

A totalidade almejada, insisto, não é dada pela somatória dos setores abordados metodologicamente pelo planejamento. Uma cidade com um sistema de transporte, de vias públicas, de áreas de lazer, de educação, saúde, bem planejados, não se constitui necessariamente em um excelente lugar. Se o fossem as regiões metropolitanas seriam paraísos, pois historicamente absorvem o maior esforço de planejamento por parte das sociedades ocidentais.

Na realidade, o planejamento tal como é proposto hoje, cria mais problemas do que resolve, pois não lida com a totalidade dada pelo espaço, nos lugares.

Então como enfrentar esse dilema?

É preciso que o planejamento seja executado na dimensão espacial e não setorial. A consistência da reflexão, do cálculo e da ação está no lugar e não nos setores ou nas disciplinas.

Neste sentido é pertinente insistir que a geografia é a ciência dos lugares. Dos lugares do mundo.

Ainda mais, os tempos variam de lugar para lugar. O planejamento na cidade A, ou na Região B, não se define da mesma maneira que em C e D.

Então como aplicar metodologias e elaborar manuais?

Além dessa complexidade, o planejamento possui um alto grau de comprometimento ético. O planejamento do território busca, através da técnica melhorar as condições do espaço, da sociedade. A introdução da técnica (instrumento de trabalho) em um determinado lugar, faz

com que esse lugar se incorpore a História. A História do lugar é dada pelo conjunto das técnicas existentes naquele lugar, (SANTOS 1994:62). a História da técnica conduz história do trabalho que por conseguinte nos leva as relações sociais.

Portanto, falar de planejamento no mundo de hoje é lidar com uma complexidade que não se limita apenas ao campo da técnica.

As condições e características do mundo neste período da história, me leva a propor um ingrediente a mais no planejamento, a partir da noção lugar mundo, á partir da ética.

As condições sociais hoje estão de tal maneira agravadas, que é preciso, com urgência detectar o potencial que a humanidade dispões para enfrentar as agruras de um fim de século paradoxalmente rico e miserável.

E esta noção que permeia a ética, o público e o privado chamam-se solidariedade.

O tema da solidariedade já vem sendo tratado nas Ciências Sociais, melhor dizendo na Sociologia, mas não no planejamento.

No entanto, há sintomas e evidências da solidariedade no mundo: solidariedade com a desgraça, com a vitória, com a penúria, com a abundância, solidariedade fiscal, não presente nos nossos dias.

O mundo global tornou palco da solidariedade global.

Solidariedade entre firmas, entre espaços, entre sociedades, entre seres humanos. Solidariedade na violência (é uma ação solidária entre marginais que garante o “sucesso “de um roubo ou de um assalto. É a solidariedade na cidade que minimiza as tragédias urbanas: das enchentes, dos furacões, da fome.

Na solidariedade, como no planejamento, está embutida uma ideia de futuro, de vida. A singela e vulgar esperança *do mundo melhor*.

Mas o que é esta solidariedade?

É aquilo que, segundo a teologia e a metafísica, ainda que por um segundo, eu tenho em comum com o outro. É algo intrínseco da natureza humana. E, pode-se ir mais além: a solidariedade é embebida de perfeição.

Para outros, os céticos, no entanto, este sentimento de solidariedade humana, nada mais é do que um simples artefato da socialização humana

A solidariedade é tema que vem, desde há muito sendo tratada por inúmeros autores.

DURKHEIM (1960), nos introduzia na *solidariedade mecânica* (que diz respeito a inserção do indivíduo no grupo, baseando-se nas semelhanças) e na *solidariedade orgânica* (manifesta pela divisão do trabalho e acentua a consciência individual).

Milton SANTOS (1990), nos fala de *solidariedade orgânica* (que resulta de interações locais) e de *solidariedade organizacional* (que se vincula aos interesses das grandes empresas), brindando-nos, ainda com *um acontecer solidário na definição de um subespaço*.

O Padre Jean-Louis LEBRET, nos ensinava na década de 60, sobre o desenvolvimento solidário, ao querer transformar o mundo pela Economia e pelo Humanismo.

Mas nesta aula, estamos falando de Geografia e Planejamento: falamos de espaço e tempo, subentendemos a relação público e privado.

Na realidade, a solidariedade permite a construção de uma teoria capaz de unificar o público e o privado.

A solidariedade não se descobre pela reflexão, ela se cria.

A questão da solidariedade é colocada por mim na dimensão do planejamento, por inúmeras razões:

- é essencial, por se tratar de um atributo humanitário desejável;
- pela possibilidade de, a partir dessa ideia, estabelecer uma teoria que unifique o público e o privado, como pretende ao lidar com a solidariedade RORTY;
- ainda pela possibilidade de lidar com a solidariedade orgânica, organizacional e institucional como elos possíveis entre Geografia e Planejamento.

Nesta perspectiva estamos, no Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e ambiental, com um grupo de alunos, pesquisando sobre a solidariedade. Começa aí, a surgir a ideia de *solidariedade institucional*, como noção geográfica - o conjunto de normas e leis que tem vigência sobre um território circunscrito politicamente e que condiciona a implantação e posição de fixos (sistema de objetos) e fluxos (sistema de ações) no território. Os mercados comuns, são exemplos dessa solidariedade institucional - ampliação do território sobre o qual uma série de normas tem aplicação.

A solidariedade institucional oscila entre a orgânica e a organizacional. Elas se constituem em mediações fundamentais do planejamento territorial.

Há uma imensidão a ser pesquisada a propósito da solidariedade: HABERMAS, ROUANET, RORTY, entre outros.

A solidariedade, se constitui em uma manifestação contundente do mundo hoje.

A solidariedade, por incrível que passa parecer, neste período histórico se transformou num espetáculo do mundo, manifestada em múltiplas escalas e eventos: na guerra e no mais singelo gesto de ternura ou de sobrevivência. Lembre-se da solidariedade das grandes nações

para o bombardeio do Iraque, a solidariedade na Bósnia, a solidariedade entre grupos marginais em ações de extermínio.

Refiro-me a solidariedade como elo possível, na realização de um interesse ligado a vida ou a morte. Trata-se de um evento no mundo.

É, este tipo de solidariedade que permite exterminar ou salvar. É uma dimensão humana que necessita ser incorporada na temática da relação espaço/tempo.

Provavelmente, solidariedade seja atributo a ser trabalhado no processo de planejamento, pois esperemos que seja característica do tempo futuro.

Aprofundar mais estas questões, será objetivo das nossas próximas aulas.

MUITO OBRIGADA.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Milton. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton. **Economia espacial**: críticas e alternativas. São Paulo: Editora HUCITEC, 1979.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o homem no Nordeste**. 4 ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Espaço, polarização e desenvolvimento**. Uma introdução à Economia Regional. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

ROSSINI, Rosa Ester. O “dekasseguis” do Brasil à procura do eldorado japonês. In: SCARLATO, Francisco Capuano; SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; ARROYO, Mónica. **Globalização e Espaço Latino-Americano**. Col. O novo mapa do mundo. 2 ed. São Paulo: HUCITEC-ANPUR, 1994, p. 283-291.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1968.

DOLLFUS, Olivier. Geopolítica do sistema mundo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SCARLATO, Francisco Capuano; ARROYO, Mónica. **Fim de século e Globalização**. Col. O novo mapa do mundo. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1994, p. 23-45.

SOJA, Edward. **Geografias Pós Modernas**. A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

BARTHES, Roland. **Leçon**. Paris: Seuil, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. **Critique de la Raison Dialectique**. Tome II. Paris: Editions Gallimard, 1985.

SARTRE, Jean-Paul. **L'Être et le Neant. Essai d'Ontologie phénoménologique**. Paris: Gallimard, 1943.

LEFEBVRE, Henri. **La Production de l'Espace**. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

MATTUS, Carlos. **Adeus Senhor Presidente: Planejamento, Aniplanejamento e Governo**. Recife: Litteris Editora, 1989.

PRIGOGINE, Ilya. **Les Lois du Chaos**. Paris: Nouvelle Bibliothèque Scientifique Flammarion, 1994.

RORTY, Richard. **Contingense, Ironie & Solidarité**. Paris: Armand Colin, 1993.

CASTILLO, Ricardo, ANDRADE, Julia e TOLEDO JUNIOR, Rubens. **A solidariedade Institucional como conceito de Geografia**. São Paulo: Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental, 1995 (Texto Inédito).

Recebido em 24 de março de 2021

Aceito para publicação em 12 de abril de 2021

Publicado em 07 de maio de 2021